

A revitalização do rio São Francisco

Antônio Félix Domingues e Jerson Kelman

Os rios contam nossa história. O sucesso ou o fracasso das civilizações está escrito em suas águas. Rios mortos e poluídos, transformados em esgoto a céu aberto, mostram a irracionalidade da opção do crescimento a qualquer custo, de forma insustentável.

Os países mais ricos têm aplicado elevada soma de recursos na limpeza e revitalização de seus rios. Assim tem sido na Europa, com o Sena, o Tamisa, o Reno e o Danúbio, e nos Estados Unidos com o Hudson e o Potomac. Em outras regiões do globo, no entanto, há rios com destino trágico. Morrem por esgotamento das águas ou por assoreamento dos leitos, transformando-se em catástrofes ecológicas. Por exemplo, o mar de Aral já perdeu um terço do volume devido à sobre utilização dos rios que o alimentam. Será que o “rio de integração nacional” seguirá o mesmo destino?

Descoberto em 04 de outubro de 1502 por Américo Vespúcio, a história dos cinco séculos de utilização do rio São Francisco confunde-se com o veio principal da história brasileira. Guimarães Rosa, Manuelzão, Lampião, Antônio Conselheiro e Luis Carlos Prestes são algumas personalidades cujas trajetórias de vida estiveram ligadas às águas generosas desse rio.

Importantíssimo por cortar vasta área do semi-árido brasileiro, o São Francisco tem 2.700 km de comprimento com uma bacia de 634 mil km², cerca de 8% do território brasileiro. Com 505 municípios espalhados por sete unidades da Federação (Minas Gerais, Distrito Federal, Goiás, Bahia, Pernambuco, Sergipe e Alagoas), abriga em sua bacia uma população de 14 milhões de habitantes. Vários de seus afluentes têm mais de 500 km de comprimento, como o Rio das Velhas, o Verde Grande, o Paracatu e o Grande.

Ao longo de quase cinco séculos acumulou-se expressivo passivo ambiental. O esgoto e o lixo de 505 municípios têm sido despejados em suas águas, sem qualquer tipo de tratamento. A erosão e a mineração empobreceram o solo e depositaram centenas de bilhões de toneladas de sedimentos no fundo dos rios e dos reservatórios. A velocidade natural das águas se alterou, impedindo a navegação. As cabeceiras do São Francisco, principalmente sua área de cerrado, sofreram grande devastação, notadamente nas veredas, matas de galeria e matas ciliares.

O São Francisco tem importância estratégica para o Nordeste, em termos de suprimento energético. Entretanto, esta importante conquista teve um inevitável custo ambiental. Inevitável, porque as alternativas para produção de energia elétrica economicamente viáveis na época da construção das hidroelétricas seriam ainda mais impactantes sobre o meio ambiente.

Antes da construção das usinas hidroelétricas (Sobradinho, Itaparica, Paulo Afonso e Xingo), o São Francisco tinha vazões na foz variando de 523 a 19.300 m³/s. Suas cheias inundavam as margens de sedimentos, que fertilizavam o solo. Na foz entre Sergipe e Alagoas vicejava a pesca e o plantio de arroz nas várzeas. Hoje as barragens regularizaram a vazão em cerca de 2060 m³/s, e os sedimentos ficam presos nas barragens. Na foz, a água é agora inteiramente transparente e a falta de sedimentos com poder de fertilização desequilibrou a biota, fazendo surgir algas nocivas à piscicultura natural. A evaporação nos reservatórios criados pelas barragens faz com que o rio perca para a atmosfera aproximadamente 400 m³/s, um quinto do montante que hoje chega ao Oceano Atlântico, o que daria para abastecer em termos urbanos (200l/hab/dia) toda a população brasileira. Por outro lado, foram estas barragens que permitiram expressivo desenvolvimento do Nordeste com a oferta de cerca de 80% de energia elétrica.

A revitalização da bacia do São Francisco é um grande desafio, que precisa ser enfrentado com conhecimento real da natureza dos problemas a serem resolvidos. É preciso evitar soluções precisas para problemas imprecisos. Por exemplo, não faz sentido buscar solução para a aparente diminuição do deflúvio médio anual do rio, pela simples razão de que não há comprovação estatística desta diminuição. O que tem ocorrido é que durante as estiagens a vazão tem diminuído a infiltração.

Os atores para a salvação do São Francisco encontram-se na própria bacia. São os usuários dos recursos hídricos, os governos estaduais e municipais, as universidades, as ONGs, a EMBRAPA, a CODEVASF, o IBAMA e a ANA.

A decisão do Governo Fernando Henrique Cardoso de revitalizar o rio São Francisco é uma sinalização clara do reconhecimento oficial da situação crítica do rio. A ANA – Agência Nacional de Águas participará do esforço de recuperação, em colaboração com o recém criado comitê da bacia, procurando compatibilizar o uso das águas para atendimento de interesses, por vezes conflitantes, entre os setores usuários: abastecimento urbano, irrigação, produção de energia elétrica, navegação e piscicultura.

DOMINGUES, A. F. & KELMAN, J. **A revitalização do rio São Francisco**. Agência Estado, 05/10/01.